

TODOS MERECEM UMA SEGUNDA OPORTUNIDADE

TUDO ME LEMBRA DE TI

AGORA ADAPTADO AO CINEMA

COLLEEN
HOOVER

TOP
SEL
LER

Este livro é dedicado a Tasara.

Capítulo 1

Kenna

Há uma pequena cruz de madeira espetada na berma da estrada com a data da morte dele inscrita.

O Scotty ia detestar isto. Aposto que foi a mãe dele quem a pôs ali.

— Não se importa de encostar?

O motorista abrandava até parar o táxi. Saio e encaminho-me para a cruz. Abano-a para um lado e para o outro até a terra se soltar, e a seguir arranco-a do chão.

Ele morreu neste preciso local? Ou algures nesta estrada?

Durante a fase preliminar do julgamento, não prestei grande atenção aos detalhes. Quando ouvi dizer que ele se afastou vários metros do carro, a rastejar, comecei a murmurar para não conseguir ouvir mais nada do que a acusação dissesse. Depois, para evitar ser obrigada a estar ali sentada enquanto se debatiam os pormenores, declarei-me culpada e pronto.

Porque, tecnicamente, era culpada.

Posso não o ter matado com as minhas ações, mas a minha inação decididamente matou-o.

Pensei que estavas morto, Scotty. Mas os mortos não rastejam.

Regresso ao táxi com a cruz na mão. Pousa-a no banco de trás ao meu lado e espero que o motorista retome a marcha, mas ele não o faz. Olho para ele pelo espelho retrovisor e vejo que me fita com uma sobrelha arqueada.

— Roubar memoriais de beira de estrada não deve atrair muito bom karma. Tem a certeza de que quer mesmo levar isso?

Desvio os olhos e minto-lhe.

— Tenho. Fui eu quem o pôs ali. — Quando o taxista regressa à estrada, continuo a sentir o seu olhar fixo em mim.

O meu novo apartamento fica a cerca de três quilómetros daqui, mas para o lado oposto de onde eu vivia. Não tenho carro, por isso, desta vez decidi procurar uma casa mais perto do centro para poder ir a pé para o trabalho. Se conseguir arranjar trabalho. Com o meu historial e falta de experiência não vai ser fácil. E, a acreditar no motorista do táxi, com o mau karma que provavelmente agora transporto comigo.

Roubar o memorial do Scotty pode não trazer bom karma, mas posso sempre argumentar que fazer uma coisa destas em honra de alguém que exprimiu verbalmente o quanto detestava memórias de beira de estrada também não há de ser muito bom. Foi por isso que pedi ao motorista para fazer o desvio e passar nesta estrada secundária. Sabia que era provável que a Grace tivesse deixado qualquer coisa no local do acidente e senti que devia ao Scotty ir lá tirá-la.

— Dinheiro ou cartão? — pergunta o motorista.

Olho para o taxímetro e tiro o valor e a gorjeta da minha carteira; entrego-lho depois de ele parar. A seguir pego na mala de viagem e na cruz que acabei de roubar e saio do táxi a caminho do edifício.

O meu novo apartamento não fica num empreendimento enorme. Pelo contrário, é apenas um edifício isolado com um parque de estacionamento abandonado de um lado e uma loja de conveniência do outro. A janela de baixo está tapada com contraplacado. O sítio está cheio de latas em vários estados de decomposição. Dou um pontapé numa para não lhe passar por cima com as rodas da minha mala.

O prédio tem ainda pior aspeto do que no anúncio online, mas também não esperava outra coisa. A senhoria nem me perguntou o nome quando liguei para saber se havia algum apartamento vago. Disse:

— Há sempre vagas. Traga dinheiro, vivo no apartamento 1. — E a seguir desligou.

Bato à porta do apartamento 1. Na janela há um gato a olhar fixamente para mim. Está tão parado que começo a questionar-me se é uma estátua, mas depois ele pestaneja e desaparece.

A porta abre-se e uma mulher muito pequena, de alguma idade, fita-me com um ar descontente. Tem rolos no cabelo e batom esborratado que lhe chega ao nariz.

— Não preciso de nada do que tenha para vender.

Olho atentamente para o batom, reparo como se espalha pelas rugas que lhe contornam a boca.

— Liguei-lhe na semana passada acerca de um apartamento. Disse-me que tinha um disponível.

O rosto da mulher, enrugado como uma ameixa seca, ilumina-se em reconhecimento. Faz um *humpfe* e olha-me de alto a baixo.

— Não estava à espera de que tivesse esse aspeto.

Não sei como interpretar este comentário. Olho para as minhas calças de ganga e t-shirt enquanto ela se afasta da porta durante alguns segundos. Volta com uma bolsa de fecho.

— São 550 por mês. O primeiro e último mês são pagos agora.

Conto o dinheiro e entrego-lho.

— Não faz contrato?

Ela solta uma gargalhada e enfia o dinheiro na bolsa.

— O seu apartamento é o 6. — Aponta com um dedo para cima.

— É mesmo por cima do meu, por isso cuidado com o barulho, deito-me cedo.

— Que despesas estão incluídas?

— A água e o lixo, mas a eletricidade é por sua conta. Neste momento está ligada. Tem três dias para a mudar para o seu nome. O depósito na empresa de eletricidade é 250.

Porra. Tenho três dias para arranjar 250 dólares? Estou a começar a questionar a minha decisão de voltar para cá tão cedo. Contudo, quando acabou o meu período de alojamento de transição, tinha duas hipóteses: gastar todo o meu dinheiro a tentar sobreviver naquela cidade, ou fazer a viagem de quase 500 quilómetros e gastar todo o meu dinheiro aqui.

Prefiro estar na cidade onde estão todas as pessoas que um dia se relacionaram com o Scotty.

A mulher dá um passo atrás no seu apartamento.

— Bem-vinda aos Apartamentos Paraíso. Assim que se instalar, levo-lhe um gatinho.

Levo imediatamente a mão à porta, para a impedir de a fechar.

— Espere, como disse? Um gatinho?

— Sim, um *gatinho*. É como um gato, mas mais pequeno.

Afasto-me da porta dela, como se assim conseguisse, de alguma maneira, proteger-me do que ela acabou de dizer.

— Não, muito obrigada. Não quero um gatinho.

— Eu tenho demasiados.

— Não quero um gatinho — repito.

— Quem é que não quer um gatinho?

— *Eu*.

A mulher expira, como se a minha resposta fosse absolutamente estapafúrdia.

— Vou fazer-lhe uma proposta — diz ela. — Se ficar com um gatinho, deixo-a ficar com a eletricidade do apartamento durante duas semanas. — *Mas que raio de lugar é este?* — Pronto, tudo bem — diz ela, respondendo ao meu silêncio como se fosse uma tática de negociação. — Um *mês*. Deixo-a ficar com a minha ligação elétrica durante um mês se ficar com um gatinho. — Volta para o interior do apartamento, mas deixa a porta aberta.

Não quero ter gatinho nenhum, mas não ter de gastar 250 dólares este mês no depósito para a empresa de eletricidade vale vários gatinhos.

Ela reaparece com uma gatinha preta e cor de laranja. Pousa-a nas minhas mãos.

— Pronto, aqui tem. Se precisar de alguma coisa, chamo-me Ruth, mas tente não precisar de nada. — Começa a fechar a porta outra vez.

— Espere. Pode dizer-me onde encontro uma cabina telefónica?

A Ruth ri-se.

— Posso, em 2005. — E fecha a porta.

A gatinha começa a miar, mas não é um miado doce. Parece mais um grito por socorro.

— És tu e eu — murmuro.

Encaminho-me para as escadas com a minha mala e a minha... gatinha. Talvez devesse ter esperado mais alguns meses até ter vindo para cá. Trabalhei para poupar um pouco mais de dois mil dólares, mas gastei a maior parte para me mudar para aqui. Devia ter juntado

mais dinheiro. E se não encontrar trabalho já? Ainda por cima, agora tenho a responsabilidade de manter um animal vivo.

A minha vida acabou de se tornar dez vezes mais difícil do que era ontem.

Chego ao apartamento com a gatinha agarrada à minha t-shirt. Levo a chave à fechadura e tenho de usar ambas as mãos para puxar a porta e girar a chave. Quando empurro a porta do meu apartamento novo, sustenho a respiração, com medo do cheiro que possa ter.

Acendo a luz e olho em redor enquanto expiro lentamente. Não tem cheiro praticamente nenhum, o que é bom e mau ao mesmo tempo.

Na sala de estar há um sofá, mas é literalmente a única peça de mobiliário. A sala é pequena, a cozinha mais pequena ainda e não há sala de jantar. Não há um quarto. É um apartamento minúsculo com um armário e uma casa de banho tão pequena que a sanita está encostada à banheira.

Este lugar é uma espelunca. Um chiqueiro de 45 metros quadrados, mas para mim é uma melhoria. Passei de viver numa cela com dez metros quadrados, que partilhava com outra rapariga, para uma habitação de transição com seis pessoas, para um apartamento de 45 metros quadrados que é só meu.

Tenho 26 anos e esta é a primeira vez que estou a viver oficialmente sozinha. É ao mesmo tempo aterrorizador e libertador.

Não sei se vou continuar a ter dinheiro para ficar aqui quando o mês acabar, mas vou tentar. Mesmo que isso signifique candidatar-me a todas as lojas e empresas que encontrar.

Ter o meu próprio apartamento vai ser benéfico quando apelar aos Landrys. Vai mostrar-lhes que agora sou independente. Mesmo que esta independência seja uma verdadeira luta.

A gatinha quer ir para o chão e por isso pouso-a na sala de estar. Anda por ali durante algum tempo, a chorar por quem deixou lá em baixo. Sinto uma dor no peito quando a vejo a procurar uma saída nos cantos da sala. Uma forma de voltar para casa, para junto da mãe e dos irmãos.

A gatinha parece um abelhão, ou algo vestido com um fato de Halloween, com o pelo às manchas pretas e alaranjadas.

— Que nome te vou dar?

Sei que é provável que continue sem nome durante alguns dias, enquanto penso melhor. Encaro sempre com grande seriedade a tarefa de nomear as coisas. Da última vez que fui responsável por dar o nome a alguém, fi-lo com a maior seriedade possível. Pode ter sido porque, enquanto estive grávida, passei o tempo todo na minha cela a pensar em nomes de bebês; não tinha mais nada para fazer.

Escolhi o nome Diem porque sabia que assim que fosse libertada viria para aqui e faria tudo o que estivesse ao meu alcance para a encontrar.

Aqui estou eu.

Carpe Diem.

Capítulo 2

Ledger

Estou a estacionar a carrinha na viela atrás do bar quando reparo que ainda tenho verniz nas unhas da minha mão direita. *Merda*. Esqueci-me de que ontem à noite estive a brincar com uma menina de 4 anos.

Pelo menos o lilás condiz com a minha camisa de trabalho.

Quando saio da carrinha, o Roman está a pôr sacos de lixo no caixote. Olha para o saco de presente que tenho na mão e, como sabe que é para ele, estende o braço.

— Deixa-me adivinhar. Uma caneca? — Espreita para o saco.

É uma caneca. É sempre uma caneca.

Ele não agradece. Nunca agradece.

Não falamos da sobriedade que estas canecas simbolizam, mas todas as sextas-feiras lhe ofereço uma caneca. Esta é a 96.^a

Provavelmente devia parar, porque o apartamento dele está cheio de canecas, mas já estou demasiado metido nisto para desistir agora. Ele está quase a completar cem semanas de sobriedade e já há algum tempo que ando a guardar a caneca comemorativa do centenário. É dos Denver Broncos. A equipa de que ele menos gosta.

O Roman aponta para a porta das traseiras do bar.

— Está ali um casal a incomodar o resto dos clientes. Talvez seja melhor ficares de olho neles.

Que estranho. Normalmente não temos de lidar com clientes difíceis a esta hora. Ainda nem são seis da tarde.

— Estão sentados onde?

— Perto da *jukebox*. — Os olhos dele pousam na minha mão.
— Estás com umas unhas lindas, meu.

— Estou, não estou? — Levanto a mão e agito os dedos. — Saiu-se bastante bem, para uma miúda de 4 anos.

Abro a porta das traseiras e sou recebido com o som irritante de uma das minhas canções favoritas a ser chacinada pelos Ugly Kid Joe a ecoar nas colunas do bar.

Não, não pode ser.

Atravesso a cozinha, entro no bar e vejo-os de imediato. Estão os dois debruçados sobre a *jukebox*. Aproximo-me deles devagar e vejo-a a carregar repetidamente nos mesmos quatro algarismos. Espreito por cima dos seus ombros para o ecrã, enquanto se riem como crianças endiabradas. *Cats in the Cradle* está marcada para tocar 36 vezes seguidas.

Pigarreio.

— Acham que isto é engraçado? Obrigarem-me a ouvir a mesma música durante as próximas seis horas?

O meu pai vira-se ao ouvir a minha voz.

— Ledger! — Puxa-me para um abraço. Cheira a cerveja e a óleo de motor. E talvez a lima? Estão embriagados?

A minha mãe afasta-se da *jukebox*.

— Estávamos só a tentar consertá-la. Não fomos nós que fizemos isto.

— Pois, claro que não. — Puxo-a para um abraço.

Nunca me avisam quando vêm. Limitam-se a aparecer e a ficar um, dois ou três dias, depois voltam a ir-se embora na sua caravana.

Mas aparecerem aqui embriagados é uma novidade. Olho por cima do ombro para o Roman, que agora está atrás do balcão. Aponto para os meus pais.

— És tu o responsável por isto, ou eles já apareceram aqui neste estado?

O Roman encolhe os ombros.

— Um bocadinho dos dois.

— É o nosso aniversário de casamento — diz a minha mãe. — Estamos a celebrar.

— Espero que não tenham conduzido até aqui.

— Não conduzimos, não — diz o meu pai. — O carro está com a caravana na oficina, para fazer a revisão de rotina, por isso chamámos um *Lyft*. — Dá-me uma palmadinha na cara. — Queríamos verte, mas já estamos aqui à tua espera há duas horas, e agora vamos embora porque estamos com fome.

— É por isso que deviam avisar-me antes de aparecerem na cidade. Eu tenho uma vida, sabem?

— Lembraste-te de que era o nosso aniversário de casamento? — pergunta o meu pai.

— Não me ocorreu, não. Desculpem.

— Eu bem te disse — diz ele para a minha mãe. — Paga o que deves, Robin.

A minha mãe leva a mão ao bolso e entrega-lhe uma nota de dez dólares.

Eles fazem apostas por tudo e por nada. Apostam sobre a minha vida amorosa. Sobre as datas festivas de que me vou lembrar. Sobre todos os jogos de futebol que já joguei. Mas tenho quase a certeza de que andam há anos a passar a mesma nota de dez dólares para a frente e para trás.

O meu pai levanta o copo vazio e abana-o.

— Mais uma rodada, se faz favor.

Pego-lhe no copo.

— E que tal uma água com gelo? — Deixo-os ao lado da *jukebox* e encaminho-me para trás do balcão.

Estou a encher dois copos de água quando uma rapariga entra no bar com um ar um tanto perdido. Olha em redor da sala como se nunca aqui tivesse entrado, depois vê um canto vazio no extremo oposto do balcão e encaminha-se para lá.

Fico a olhar para ela durante todo o tempo que demora a atravessar o bar. Olho para ela tão intensamente que deixo transbordar acidentalmente os copos e entorno água por todo o lado. Agarro num pano e limpo a confusão. Quando olho para a minha mãe, ela está a olhar para a rapariga. Depois olha para mim. Depois para a rapariga.

Merda. A última coisa de que preciso é que a minha mãe tente fazer-me um arranjinho com uma cliente. Ela já tenta fazer de casamenteira quando está sóbria, por isso nem quero imaginar como

a tendência deve piorar depois de alguns copos. Tenho de os tirar daqui rapidamente.

Levo-lhes os copos de água e dou o meu cartão de crédito à minha mãe.

— Vocês deviam ir até ao Jake's Steakhouse e jantar, ofereço eu. Podem ir a pé, que é para terem tempo de ficar sóbrios antes de lá chegarem.

— Tu és tão querido. — A minha mãe leva uma mão ao peito com dramatismo e olha para o meu pai. — Benji, fizemos um trabalho tão bom com ele. Vamos celebrar o nosso sucesso parental com o cartão de crédito do nosso filho.

— Fizemos mesmo um bom trabalho com ele — diz o meu pai, concordando com ela. — Devíamos ter mais filhos.

— Querido, já ouviste falar da menopausa? Lembras-te de quando te odiei durante um ano inteiro? — A minha mãe agarra na carteira e ambos levam os copos de água com eles enquanto saem.

— Já que é ele a pagar, devíamos pedir um belo bife do lombo — murmura o meu pai à medida que se afastam.

Solto um suspiro de alívio e depois volto a atravessar o bar. A rapariga está sentada em silêncio no canto, a escrever num caderno. O Roman não está ao balcão neste momento, por isso presumo que ainda ninguém atendeu o pedido dela.

Ofereço-me alegremente como tributo.

— O que vai ser? — pergunto-lhe.

— Água com gás e uma *Coca-Cola Diet*, por favor. — Ela não levanta os olhos para mim, por isso afasto-me para tratar do seu pedido. Quando regresso com as bebidas, ela continua a escrever no caderno. Tento ver de relance o que escreve, mas ela fecha o caderno e levanta os olhos. — Obrig... — Para a meio do que julgo ser uma tentativa de me agradecer. Murmura o fim da palavra enquanto leva a palhinha à boca.

Parece nervosa.

Quero fazer-lhe perguntas, como se chama, de onde vem, mas já sou dono deste bar há alguns anos e fui aprendendo que fazer perguntas a pessoas solitárias dá muitas vezes origem a conversas das quais tenho grande dificuldade em esquivar-me.

Mas a maior parte das pessoas que vem aqui não chama a minha atenção como aconteceu com ela. Aponto para os dois copos e pergunto:

— Estás à espera de mais alguém?

Ela puxa ambos os copos para si.

— Não. Tenho sede, apenas. — Interrompe o contacto com os meus olhos e recosta-se no banco, puxando o caderno com ela para lhe dedicar toda a sua atenção.

Eu sei interpretar uma dica. Vou para a outra extremidade do bar e dou-lhe privacidade.

O Roman regressa da cozinha e inclina a cabeça na direção dela.

— Quem é?

— Não faço ideia, mas não tem aliança de casamento, por isso não faz o teu tipo.

— És muito engraçadinho.

Capítulo 3

Kenna

Querido Scotty,

Transformaram a antiga livraria num bar. Consegues acreditar numa merda destas?

Questiono-me o que terão feito ao sofá onde costumávamos sentar-nos todos os sábados.

Toda esta cidade parece ter-se transformado num tabuleiro de *Monopólio*, juro-te, e, depois de teres morrido, alguém apareceu aqui e revolveu as peças todas de um lado para o outro. Nada está igual. Tudo me parece desconhecido. Andei algumas horas pelo centro, a interiorizar tudo. Ia a caminho da mercearia quando me distraí com o banco onde nos sentávamos a comer gelados. Sentei-me e fiquei a observar as pessoas durante algum tempo.

As pessoas desta cidade parecem todas tão descontraindas. Andam por aqui às voltas como se o seu mundo estivesse na posição certa — como se não caminhassem na iminência de cair do passeio e aterrar no céu. Avançam simplesmente de um momento para o outro sem sequer se aperceberem das mães que também aqui andam sem as suas filhas.

Talvez não devesse ter ido ao bar, sobretudo na minha primeira noite de regresso à cidade. Não que tenha algum problema com álcool. Aquela noite horrível foi uma exceção. Mas a última coisa que quero que os teus pais saibam é que fui a um bar antes de ir a casa deles.

Pensei que aquele lugar ainda era a livraria, onde normalmente há café. Fiquei tão desiludida quando lá entrei, porque o meu dia foi tão longo, primeiro com a viagem de autocarro e depois de táxi. Estava à espera de encontrar uma bebida com mais cafeína do que a que uma *Cola Diet* me pode proporcionar.

Talvez o bar também tenha café. Ainda não perguntei.

Provavelmente não devia contar-te isto, e prometo que antes de esta carta acabar tudo fará sentido, mas uma vez beijei um guarda prisional.

Apanharam-nos, ele foi transferido para uma unidade diferente e eu fiquei a sentir-me culpada por o nosso beijo lhe ter causado problemas. Mas ele falava comigo como se eu fosse uma pessoa e não apenas um número, e, apesar de não me sentir atraída por ele, eu sabia que ele se sentia atraído por mim, por isso, quando ele se debruçou para me beijar, retribuí o beijo. Foi a minha forma de lhe agradecer, e acho que ele sabia disso, que não se importava que fosse assim. Já se tinham passado dois anos desde que me tocaste pela última vez e, quando ele me encostou à parede e me agarrou pela cintura, pensei que ia sentir mais do que senti.

Fiquei triste por não sentir grande coisa.

Estou a contar-te isto porque ele sabia a café, mas um café melhor do que aquele que serviam às reclusas. Ele sabia a café caro, daqueles de oito dólares o copo no Starbucks, com caramelo, chantilly e uma cereja no topo. Foi por isso que continuei a beijá-lo. Não porque gostava dos beijos ou dele, nem sequer porque me agradava a sua mão na minha cintura, mas porque sentia saudades de café aromatizado caro.

E de ti. Tenho saudades de café caro e tenho saudades tuas.

Com amor,

Kenna



— Queres mais um copo? — pergunta o empregado do bar. Tem tatuagens que aparecem por baixo das mangas da camisa. A camisa dele é lilás, uma cor que não se vê com frequência na prisão.

Nunca pensei nisto até agora, mas a prisão é um lugar bastante monótono e sem cor; algum tempo depois, uma pessoa começa a esquecer-se das cores das árvores no outono.

— Tens café? — pergunto.

— Claro. Com açúcar e natas?

— Tens caramelo? E *chantilly*?

Ele atira um pano de cozinha sobre o ombro.

— Então não tenho? Queres leite de soja, magro, de amêndoa ou leite normal?

— Normal.

O empregado do bar solta uma gargalhada.

— Estava a gozar. Isto é um bar. Tenho uma cafeteira com café feito há quatro horas e as tuas opções são açúcar, natas, ambos ou nenhum.

A cor da camisa e a forma como condiz com o seu tom de pele já não me impressionam. *Parvalhão*.

— Traz-me uma coisa qualquer — resmungo.

Ele afasta-se para ir buscar um café básico como o da prisão. Observo-o a pegar na cafeteira e a levá-la ao nariz para cheirar o café. Faz uma careta, a seguir despeja-o no lava-louça. Abre a torneira enquanto volta a encher um copo de cerveja de um tipo qualquer, depois começa a fazer café ao mesmo tempo que faz a conta de outro cliente, sempre a sorrir, o suficiente, mas não demasiado.

Nunca vi ninguém movimentar-se com tanta fluidez, é como se tivesse sete braços e três cérebros, todos a funcionar ao mesmo tempo. É hipnotizante observar alguém que é bom naquilo que faz.

Eu não sei no que sou boa. Não faço ideia se há alguma coisa neste mundo que possa fazer sem aparentar qualquer esforço.

Há coisas nas quais *quero* ser boa. Quero ser uma boa mãe. Dos meus futuros filhos, mas sobretudo da filha que já trouxe ao mundo. Quero ter um jardim para poder plantar coisas. Coisas que florescem e que não morrem. Quero aprender a falar com as pessoas sem desejar retirar cada palavra que me sai da boca. Quero saber sentir coisas quando

um homem me agarra pela cintura. Quero ser boa a viver a vida. Quero fazer com que viver pareça isento de esforço, mas até agora só consegui fazer com que todos os aspetos da vida pareçam demasiado difíceis de enfrentar.

Quando o café fica pronto, o empregado aproxima-se de mim. Enquanto está a encher a chávena, olho para ele e desta vez observo mesmo a pessoa que estou a ver. É um homem bonito, e uma rapariga como eu, que está a tentar recuperar a guarda da filha, devia manter-se longe de homens como ele. Os seus olhos já viram coisas suficientes e as mãos já devem ter esmurrado um homem ou dois.

O cabelo dele é tão fluido quanto os seus movimentos. É comprido e escuro, cai-lhe em madeixas sobre os olhos e move-se na direção em que ele se movimenta. Ele não mexe no cabelo: desde que estou aqui sentada, não levou as mãos ao cabelo uma única vez. Limita-se e deixar que lhe caia à frente dos olhos, mas de vez em quando abana a cabeça para o afastar. É um movimento muito discreto e o cabelo vai para onde ele quer que vá. É um cabelo grosso, agradável, aquele tipo de cabelo onde queremos enterrar as mãos.

A minha chávena está cheia de café, mas ele levanta um dedo e diz:

— Só um segundo. — Vira-se e abre um pequeno frigorífico, depois tira um pacote de leite. Deita um pouco para a chávena. Volta a guardar o leite, abre outro frigorífico... surpresa: *chantilly*. Leva o braço atrás de si e quando a mão reaparece tem uma única cereja, que coloca cuidadosamente por cima da minha bebida. Faz deslizar a chávena até mim e abre os braços como se tivesse acabado de fazer um truque de magia.

— Não tenho caramelo — diz ele. — Isto é o melhor que consigo fazer, considerando que não estamos num café.

Talvez ele pense que acabou de preparar uma bebida burguesa para uma miúda mimada qualquer que está habituada a beber café de oito dólares todos os dias. Não faz a menor ideia de há quanto tempo não bebo um café decente. Nos meses que passei no alojamento de transição continuei a beber o café que eles serviam: café de prisão, a raparigas que tinham estado na prisão, com passados merecedores de prisão.

Estou capaz de chorar.

Choro mesmo.

Assim que ele dirige a sua atenção para a outra extremidade do bar, pego na chávena entre as mãos e choro porque a porra da vida consegue ser tão cruel, tão difícil, choro porque já quis desistir de viver tantas vezes, mas depois, em momentos como este, lembro-me de que a felicidade não é um estado permanente que tentamos atingir na nossa vida, mas sim um conjunto de breves instantes que aparecem aqui e acolá, por vezes em doses minúsculas que são só suficientemente substanciais para nos fazerem continuar mais um pouco.

Capítulo 4

Ledger

Sei o que fazer quando uma criança chora, mas não faço ideia do que devo fazer quando vejo uma mulher adulta a chorar. Fico o mais longe possível dela enquanto bebe o seu café.

Desde que aqui entrou, há cerca de uma hora, que não consegui descobrir grande coisa a seu respeito, mas uma coisa sei de certeza: não veio até aqui para se encontrar com ninguém. Veio em busca de solidão. Na última hora, já três pessoas tentaram abordá-la e ela limitou-se a levantar a mão e a mandá-las embora sem sequer olhar para elas.

Bebeu o café em silêncio. Ainda nem são sete da tarde, por isso deve estar a ganhar embalo para as bebidas mais fortes. Quase dou por mim a desejar que não seja assim. Intriga-me a ideia de que ela veio a um bar para pedir coisas que raramente servimos enquanto rejeita homens com os quais nem sequer estabelece contacto visual.

Eu e o Roman somos os únicos a trabalhar até chegarem a Mary Anne e o Razi. O bar está a encher e não posso dedicar a esta rapariga a atenção que gostaria, que é *toda* a minha atenção. Faço questão de me dispersar pelo bar, para ela não sentir que estou a pairar demasiado perto da bolha dela.

Assim que ela acaba o café, quero perguntar-lhe o que vai beber a seguir, mas em vez disso faço-a ficar sentada com a chávena vazia durante uns bons dez minutos. Até posso deixar passar quase um quarto de hora antes de voltar a ela.

Entretanto, deito-lhe alguns olhares, de esguelha. O rosto dela é uma obra de arte. Quem me dera que houvesse um retrato seu pendurado

algures num museu, para poder lá ir e ficar a admirá-la o tempo todo que me apetecesse. Mas aqui só posso olhar de vez em quando, admirando como as partes do rosto que todas as pessoas do mundo possuem parecem coordenar-se tão melhor nela.

É raro as pessoas irem a um bar numa noite de semana com roupas mais compostas, mas ela não está minimamente arranjada. Veste uma t-shirt da *Mountain Dew* puída e calças de ganga, mas o verde da t-shirt condiz com o verde dos seus olhos com uma perfeição tamanha que até parece que se esforçou ao máximo por encontrar o tom ideal de verde. Na verdade, aposto que nem sequer pensou na cor da t-shirt. O cabelo dela é castanho-avermelhado. Todo da mesma cor. O corte é direito, um pouco abaixo do queixo. De vez em quando passa as mãos pelo cabelo e de cada vez que o faz parece que está na iminência de desmoronar sobre si mesma. Dá-me vontade de contornar o bar, caminhar até junto dela e dar-lhe um abraço.

Qual é a sua história?

Não quero saber.

Não preciso de saber.

Não saio com raparigas que conheço neste bar. Quebrei esta regra em duas ocasiões e meti-me em grandes sarilhos por causa disso.

Além disso, há qualquer coisa de assustador nesta rapariga. Não consigo identificar exatamente o que é, mas, quando falo com ela, sinto que a minha voz fica presa dentro do meu peito. Não como se ela me deixasse sem fôlego, não é isso, é algo mais substancial, como se o meu cérebro estivesse a tentar avisar-me para não interagir com ela.

Sinal de aviso! Perigo! Abortar missão!

Mas porquê?

Os nossos olhos cruzam-se quando estendo o braço para levantar a chávena. Ela não olhou para mais ninguém durante a noite, só para mim. Devia sentir-me lisonjeado por isso, mas sinto-me simplesmente assustado.

Joguei futebol americano profissional e sou dono do meu próprio bar, no entanto, tenho medo de um breve contacto visual com uma rapariga bonita. Devia ser esta a minha biografia no *Tinder*. *Jogou nos Broncos. Tem um bar. E medo de contacto visual.*

— Então, o que se segue? — pergunto-lhe.

— Vinho. Branco.

É difícil conjugar o facto de ter um bar com a minha própria sobriedade. Quero que toda a gente também esteja sóbria, mas preciso de clientes. Sirvo-lhe um copo de vinho branco e coloco-o à sua frente.

Permaneço junto a ela, a fazer de conta que estou a limpar copos com um pano, mas os copos estão secos desde ontem. Reparo na sua garganta a engolir lentamente em seco enquanto ele olha para o copo de vinho, quase como se não tivesse a certeza do que quer. Esta indecisão de uma fração de segundo, ou talvez este arrependimento, é o suficiente para me fazer pensar que pode ter problemas com o álcool. Consigo sempre perceber quando as pessoas estão a mandar a sobriedade às urtigas pela forma como olham para os copos.

O ato de beber só é stressante para os alcoólicos.

Mas ela não bebe o vinho. Vai bebendo tranquilamente a água com gás até acabar. Estendo a mão para o copo vazio no mesmo instante em que ela o segura.

Quando os nossos dedos se tocam, sinto mais qualquer coisa presa no peito, juntamente com a minha voz. Talvez sejam alguns batimentos cardíacos extra. Talvez seja um vulcão prestes a entrar em erupção.

Os dedos dela fogem dos meus e encolhem-se, repousam sobre o seu colo. Tiro o copo de água vazio da sua frente, tiro também o copo de vinho e ela nem sequer levanta os olhos para me perguntar porquê. Suspira, talvez de alívio por eu lhe tirar o vinho. Então, por que motivo o pediu?

Volto a encher o copo de água com gás e, quando ela não está a olhar, deito o vinho para o lava-louça e lavo o copo.

Ela bebe a água durante mais algum tempo, depois deixa de olhar para mim. Se calhar irritei-a.

O Roman vê-me a observá-la. Apoia um cotovelo sobre o balcão e diz:

— Divórcio ou morte?

Ele gosta sempre de adivinhar as razões que trazem uma pessoa sozinha ao bar, ou o que as faz parecerem deslocadas. A rapariga não

parece estar aqui por causa de um divórcio. Normalmente, as mulheres celebram-nos vindo com grupos de amigas, com t-shirts que dizem *Ex-Mulher*.

Esta rapariga parece estar triste, mas não de uma forma que leve a crer que está a sofrer.

— Eu vou apostar em divórcio — diz o Roman.

Não lhe respondo. Não me parece bem estar a tentar adivinhar a tragédia que a assolou, porque tenho esperanças de que não seja um divórcio, uma morte, nem sequer um dia mau. Quero só coisas boas para ela, porque parece que há muito, muito tempo que não lhe acontece algo de bom.

Paro de olhar para ela enquanto sirvo outros clientes. Faço-o para lhe dar privacidade, mas ela aproveita a oportunidade para deixar dinheiro sobre o balcão e sair sem eu ver.

Fico a olhar durante vários segundos para o lugar vazio e para a nota de dez dólares que ela deixou. Foi-se embora e nem sequer sei o nome dela, não sei qual é a sua história ou se vou voltar a vê-la, por isso dou por mim a contornar o bar e a atravessar a sala em direção à porta por onde ela saiu.

Quando chego à rua, o céu está da cor do fogo. Protejo os olhos, esquecendo-me de como a luz é sempre tão violenta quando saio da escuridão do bar antes de a noite cair.

Ela vira-se no instante em que a vejo. Está a três metros de mim. Não precisa de proteger os olhos porque o sol está mesmo atrás de si, emoldurando-a como um halo.

— Deixe dinheiro em cima do balcão — diz ela.

— Eu sei.

Ficamos a olhar um para o outro em silêncio durante um instante. Não sei o que dizer, limito-me a ficar aqui parado como um idiota.

— O que é que queres, então?

— Nada — respondo. Mas desejo imediatamente ter dito «Tudo».

Ela fita-me e eu nunca faço isto, não *devia* fazer isto agora, mas sei que se a deixar ir embora não vou ser capaz de parar de pensar na rapariga triste que me deixou uma gorjeta de dez dólares, quando tenho a sensação de que não tem nem um cêntimo para dar.

— Devias voltar hoje à noite, às onze. — Não lhe dou oportunidade de me dizer que não ou de explicar por que motivo não pode voltar. Regresso para o interior, com a esperança de que o meu convite a tenha deixado suficientemente curiosa para aparecer logo à noite.

Capítulo 5

Kenna

Estou sentada num colchão insuflável com a minha gatinha sem nome, a pensar em todas as razões pelas quais não devia voltar àquele bar.

Não vim para esta cidade para conhecer homens. Mesmo que sejam tão bonitos como aquele empregado no bar. Vim para cá por causa da minha filha e mais nada.

Amanhã é um dia importante. Amanhã preciso de me sentir com uma força hercúlea, mas o tipo no bar fez com que me sentisse fraca quando me retirou o copo de vinho da frente, mesmo que não tenha sido essa a sua intenção. Não sei o que ele viu no meu rosto que lhe deu vontade de afastar o copo de mim. Não ia bebê-lo. Só mandei vir o vinho para poder ter uma sensação de controlo *não* o bebendo. Queria olhar para ele, cheirá-lo e depois ir-me embora sentindo-me mais forte do que quando me sentei.

Agora, sinto-me apenas perturbada porque ele viu como eu estava a olhar para o vinho e, pela forma como o afastou, faz-me pensar que presumiu que tenho um problema real com bebida.

Não tenho. Há anos que não toco em álcool, porque uma noite de copos combinada com uma tragédia arruinaram os últimos cinco anos da minha vida. Estes cinco anos trouxeram-me de volta para cá, uma cidade que me deixa nervosa e onde a única coisa que me acalma os nervos é fazer coisas que me façam sentir ainda em controlo da minha vida e das minhas decisões.

Era por isto que queria rejeitar aquele vinho, caraças.

Agora já não vou dormir bem esta noite. Não tenho motivos para me sentir vitoriosa porque ele fez com que me sentisse o exato oposto. Se quiser dormir bem esta noite, vou ter de recusar alguma coisa que deseje.

Ou *alguém*.

Há muito, muito tempo que não desejo ninguém. Não desde que conheci o Scotty. Mas o empregado do bar era bastante giro, tinha um sorriso ótimo e faz um café excelente. Uma vez que já me convidou a aparecer mais tarde no bar, seria bastante simples aparecer e rejeitá-lo.

Então conseguirei dormir bem e quando acordar estarei preparada para enfrentar o dia mais importante da minha vida.

Quem me dera poder levar a minha nova gatinha comigo. Sinto que preciso de um certo apoio, mas ela está a dormir na almofada que comprei há pouco na loja.

Não comprei muitas coisas. Comprei apenas o colchão insuflável, um par de almofadas e lençóis, algumas bolachas e queijo, comida para gato e areia. Decidi que vou viver dois dias de cada vez nesta cidade. Até saber o que amanhã me vai trazer, não vale a pena desperdiçar o dinheiro que me custou tanto a poupar ao longo dos últimos seis meses. Já estou com pouco dinheiro, por isso decidi não chamar um táxi.

Saio do apartamento para ir até ao bar a pé, mas desta vez não levo a minha carteira ou o caderno. Basta-me levar a carta de condução e a chave de casa. Do meu apartamento ao bar são pouco mais de dois quilómetros, mas a noite está agradável e a rua é bem iluminada.

Preocupa-me um pouco a possibilidade de ser reconhecida no bar, ou até pelo caminho, mas estou completamente diferente de como era há cinco anos. Costumava preocupar-me bastante mais com o meu aspeto, mas a verdade é que passar cinco anos na prisão fez com que me concentrasse menos na importância de pintar o cabelo, ter extensões e pestanas falsas ou unhas postiças.

Não vivi o tempo suficiente nesta cidade para fazer amigos além do Scotty, por isso duvido que muita gente saiba quem sou. Tenho a certeza de que muitos ouviram falar *de* mim, mas é difícil sermos reconhecidos quando a nossa ausência nem sequer foi sentida.

O Patrick e a Grace talvez me reconhecessem se me vissem, mas só os encontrei uma vez antes de ir para a prisão.

Prisão. Nunca me vou habituar a dizer esta palavra em voz alta. Quando escrevo as letras individualmente no papel, não me parecem tão duras. Mas quando pronunciamos a palavra «prisão», ela é tão austera.

Quando penso no sítio onde passei os últimos cinco anos, gosto de me referir mentalmente a ele como *a instituição*. Ou então penso no tempo que lá passei como: *Quando estive afastada*, e deixo as coisas assim. Jamais me habituarei a dizer «Quando estive na prisão».

Vou ter de o dizer esta semana, quando for à procura de emprego. Vão perguntar-me: «Alguma vez foi condenada por algum crime?» E eu vou ter de responder: «Sim, passei cinco anos na prisão por homicídio involuntário.»

E depois das duas uma: ou me contratam ou não. Provavelmente não.

Há uma dualidade de critérios para as mulheres, mesmo atrás das grades. Quando uma mulher diz que esteve na prisão, as pessoas pensam: arruaceira, prostituta, drogada, ladra. Mas quando um homem diz que esteve na prisão, as pessoas adicionam medalhas de honra aos pensamentos negativos, como: é um arruaceiro, mas é *resistente*, é drogado, mas *duro de roer*, é um ladrão, mas é *impressionante*.

Continua a existir um estigma em relação aos homens, mas as mulheres nunca saem da prisão com o estigma *atenuado* por medalhas de honra.

De acordo com o relógio do edifício do tribunal, chego ao centro da cidade às 23h30. Com um pouco de sorte, ele ainda ali está, apesar de eu estar meia hora atrasada.

À tarde não prestei atenção ao nome do bar, provavelmente porque era de dia e fiquei chocada por já não ser uma livraria, mas por cima da porta vejo um sinal em néon que diz WARD'S.

Hesito antes de entrar. Estou praticamente a enviar uma mensagem ao rapaz ao voltar aqui de noite. E é uma mensagem que não tenho a certeza se quero que ele receba. Mas a alternativa é

regressar ao meu apartamento e ficar sozinha com os meus próprios pensamentos.

Já passei tempo suficiente a sós com os meus pensamentos ao longo dos últimos cinco anos. Sinto saudades de pessoas, de barulho e de todas as coisas que não tive, e, neste momento, o meu apartamento recorda-me um pouco da prisão. Há muito silêncio e solidão ali.

Abro a porta do bar. O ambiente está mais barulhento, com mais fumo e ainda mais escuro do que antes. Não há lugares vazios, por isso serpenteio por entre as pessoas, procuro a casa de banho, espero no corredor, espero do lado de fora da porta e serpenteio um pouco mais. Finalmente, uma das mesas com bancos corridos fica livre. Atravesso a sala e sento-me sozinha.

Observo o empregado atarefado atrás do bar. Gosto do à-vontade que ele demonstra. Dois tipos começam a discutir, mas ele nem se preocupa — limita-se a apontar para a porta da rua e os tipos saem. Faz muito este gesto. Aponta para as coisas e as pessoas limitam-se a fazer aquilo que ele lhes indica.

Aponta para dois clientes enquanto cruza o olhar com o outro empregado do bar. O rapaz vai até eles e fecha as suas contas.

Aponta para uma prateleira vazia e uma das empregadas assente. Uns instantes depois, a prateleira está repostada e cheia de coisas.

Aponta para o chão e o outro empregado desaparece por umas portas duplas para reaparecer com uma esfregona e limpar o que se entornou.

Aponta para um gancho na parede e uma outra empregada, que está grávida, diz-lhe sem voz «Obrigada», antes de pendurar o avental e ir para casa.

Ele aponta e as pessoas fazem. Até que chega a hora de pedir as últimas bebidas, depois a hora de fechar. As pessoas vão saindo. Mais ninguém entra.

Ele não olhou para mim. Nem uma única vez.

Começo a questionar a minha presença aqui. Ele parece atarefado e talvez o tenha interpretado mal durante a tarde. Quando ele me disse para voltar, presumi que fora por um motivo, mas talvez seja algo que diz a todos os seus clientes.

Levanto-me, pensando que talvez também seja hora de me ir embora, mas quando ele me vê levantar, aponta. Faz um movimento simples com o dedo, indicando que devo voltar a sentar-me. E eu sento-me.

Fico aliviada ao perceber que a minha intuição estava certa, mas quanto mais o bar se esvazia, mais nervosa vou ficando. Ele parte do princípio de que sou uma mulher crescida, mas mal me sinto como uma adulta. Sou uma adolescente de 26 anos, não tenho experiência de vida, estou a recomeçar do zero.

Nem sei se estou aqui pelos motivos certos. Pensei que podia limitar-me a entrar no bar, namoriscar um pouco com ele e depois ir-me embora, mas ele é mais tentador do que qualquer café burguês. Vim até aqui para o rejeitar, mas não fazia ideia de que ele passaria a noite a apontar, nem sequer que apontaria para mim. *Não fazia ideia de que apontar era tão sexy.*

Questiono-me se há cinco anos o teria achado sexy, ou se agora sou apenas pateticamente fácil de agradar.

Quando chega a meia-noite, somos as duas únicas pessoas que restam no bar. Os outros empregados já saíram, a porta da rua está trancada e ele leva uma caixa de copos vazios para as traseiras do bar.

Puxo uma perna para cima e abraço-a com os dois braços. Estou nervosa. Não voltei para esta cidade para conhecer alguém. Vim com um propósito muito mais importante. Propósito esse que ele parece poder destruir com um simples apontar de dedo.

Mas sou apenas humana. Os humanos precisam de compaixão, e apesar de não ter vindo para cá para conhecer pessoas, este tipo é difícil de ignorar.

Quando emerge das portas duplas, traz uma roupa diferente. Já não veste a camisa lilás com as mangas arregaçadas, igual à que todos os empregados usavam. Agora tem uma t-shirt branca. Tão simples, mas tão complicada.

Quando chega junto a mim, sorri e sinto o seu sorriso a cair sobre mim com o calor e conforto de um cobertor pesado.

— Voltaste.

Tento parecer descontraída.

— Convidaste-me a voltar.

— Queres beber alguma coisa?

— Não, estou bem.

Ele mexe no cabelo, puxa-o para trás e olha intensamente para mim. Vejo uma guerra nos seus olhos, e eu não sou a Suíça, mas mesmo assim ele vem na minha direção. Senta-se ao meu lado. Mesmo ao meu lado. O meu coração começa a bater com mais força, mais ainda do que quando o Scotty passou na minha caixa pela quarta vez, há tantos anos.

— Como é que te chamas? — pergunta ele.

Não quero que saiba o meu nome. Ele aparenta ter mais ou menos a idade que o Scotty teria se fosse vivo, o que quer dizer que talvez reconheça o meu nome, ou a mim, ou talvez se recorde do que aconteceu. Não quero que ninguém me reconheça, que se lembre de mim ou que avise os Landrys de que estou na cidade.

Não é uma cidade pequena, mas também não é enorme. A minha presença não vai passar despercebida durante muito tempo. Só preciso que ninguém dê por mim durante tempo *suficiente*, por isso, minto-lhe, mas não exatamente, e digo-lhe o meu segundo nome.

— Nicole.

Não lhe pergunto como se chama porque não quero saber. Nunca vou usar o nome dele. Depois desta noite, nunca mais vou regressar a este bar.

Agarro numa madeixa de cabelo, estou nervosa por estar tão perto de outra pessoa ao fim de tanto tempo. Sinto que já me esqueci do que devo fazer, por isso limito-me a dizer repentinamente aquilo que vim cá dizer-lhe.

— Eu não ia bebê-lo.

Ele inclina a cabeça, confuso com a minha confissão, por isso esclareço.

— O vinho. Por vezes... — Abano a cabeça. — É uma estupidez, mas às vezes peço uma bebida alcoólica com o único propósito de me afastar sem a beber. Não tenho nenhum problema com o álcool. Acho que é mais uma questão de controlo. Rejeitar a bebida faz-me sentir menos fraca.

Os olhos dele perscrutam o meu rosto com a centelha de um sorriso.

— Respeito isso — diz ele. — Raramente bebo por razões semelhantes às tuas. Todas as noites estou perto de gente embriagada e quanto mais convivo com eles menos quero estar perto deles.

— Um empregado de bar que não bebe? É uma raridade. Não é? Eu diria que os empregados de bar devem ter uma das taxas de alcoolismo mais elevadas. O acesso é tão facilitado.

— Na verdade, a taxa mais elevada pertence à indústria da construção civil. O que provavelmente não é muito bom para mim. Estou a construir uma casa já há vários anos.

— Estás mesmo a pôr-te a jeito para fracassar.

Ele sorri.

— Parece que sim. — Descontraí um pouco mais no banco. — Então, o que é que fazes, Nicole?

Este é o momento em que devia afastar-me. Antes de falar demasiado, antes de ele me fazer mais perguntas. Mas gosto da voz dele, da sua presença, e sinto que continuar aqui será uma boa distração e eu preciso mesmo de uma distração.

Só não quero falar. Falar só me vai arranjar sarilhos nesta cidade.

— Queres mesmo saber o que faço na vida? — Tenho a certeza de que ele preferia ter a mão dentro da minha t-shirt do que ouvir o que uma rapariga devia dizer neste momento. E uma vez que não quero admitir que não faço nada porque passei os últimos cinco anos presa, movo-me e sento-me ao colo dele.

Ele fica surpreendido, quase como se estivesse mesmo à espera de que ficássemos aqui sentados a conversar durante a próxima hora.

A sua expressão muda de uma de choque moderado para aceitação. As mãos caem sobre as minhas ancas e ele agarra-as. Estremeço ao sentir o seu contacto.

Puxa-me para que fique sentada um pouco mais para cima e eu consigo sentir o corpo dele por baixo das calças de ganga. De repente, já não me sinto tão confiante de que consiga sair daqui a qualquer instante. Pensei que podia beijá-lo e depois despedir-me dele e ir para casa com o peito inchado de orgulho. Só queria sentir-me um pouco poderosa antes do dia de amanhã, mas agora ele está a roçar os dedos sobre a pele da minha cintura e isto faz-me sentir cada vez mais fraca e tão *irrefletida*, caraças. Não irrefletida de uma forma

despreocupada, mas como se a minha cabeça estivesse absolutamente vazia, como se todos os sentimentos estivessem alojados no meu peito, como se uma bola de fogo se formasse dentro de mim.

A mão direita dele desliza pelas minhas costas e eu arquejo, porque sinto o seu toque percorrer-me como uma corrente elétrica. Este tipo está a tocar-me no rosto, a passar os dedos sobre a maçã do meu rosto, a arrastar as pontas dos dedos sobre os meus lábios. Está a olhar-me intensamente como se tentasse descobrir de onde me conhece.

Talvez seja só a minha paranoia em ação.

— Quem és tu? — murmura ele.

Já lhe disse, mas mesmo assim repito o meu segundo nome.

— Nicole.

Ele sorri, depois o sorriso desaparece e diz:

— Já sei o teu nome. Mas de onde vieste? Porque é que nunca nos vimos antes desta noite?

Não quero as perguntas dele. Não tenho respostas honestas para lhe dar. Aproximo-me um pouco mais da boca dele.

— Quem és tu?

— Ledger — diz ele, imediatamente antes de rasgar completamente o meu passado, de arrancar o que resta do meu coração e de o deixar cair no chão, antes de me beijar.



As pessoas dizem que alguém «caiu de amores» por alguém, mas *cair* é uma palavra tão triste quando se pensa bem no seu significado. Cair nunca é bom. Caímos no chão, caímos em desgraça, caímos no sono eterno.

Quem quer que tenha sido a primeira pessoa a dizer que caiu de amores por alguém já se deve ter levantado, o amor deve ter acabado. De contrário, já se conheceria uma expressão mais adequada.

A nossa relação ia a meio quando o Scotty me disse que me amava. Foi na noite em que devia ter conhecido o seu melhor amigo. Já conhecia os pais e ele ficou entusiasmado com este encontro, mas não tanto como quando combinámos encontrar-nos com o rapaz que considerava um irmão.

O encontro nunca aconteceu. Já não me lembro porquê, já se passou muito tempo. Mas o amigo teve de cancelar e o Scotty ficou triste, por isso fiz-lhe bolachas, fumámos um charro e a seguir fiz-lhe sexo oral. Eu era a melhor namorada do mundo.

Até ao dia em que o matei.

Mas isto aconteceu três meses antes de ele morrer e, naquela noite em particular, o Scotty estava muito vivo. Tinha um coração que batia, uma pulsação rápida, um peito que subia e descia e lágrimas nos olhos quando se virou para mim e disse: «Eu amo-te, Kenna. Nunca ameie ninguém como te amo a ti. Sinto a tua falta o tempo todo, mesmo quando estamos juntos.»

Esta frase ficou-me na memória. *Sinto a tua falta o tempo todo, mesmo quando estamos juntos.*

Pensei que esta era a única coisa que guardara daquela noite, mas estava errada. Guardei mais qualquer coisa. Um nome. *Ledger*.

O melhor amigo que nunca apareceu. O melhor amigo que nunca cheguei a conhecer.

O melhor amigo que acabou de enfiar a língua na minha boca, a mão dentro da minha roupa e o nome no meu peito.

DOS DESTROÇOS DO PASSADO PODE NASCER UMA NOVA VIDA.

Depois de cumprir cinco anos de prisão devido a um trágico erro, Kenna Rowan regressa à cidade onde a sua vida descarrilou, na esperança de recuperar Diem, a sua filha de 4 anos. Contudo, os fantasmas do passado parecem querer impedir esse reencontro, apesar dos seus esforços para tentar provar o seu valor a todos os que agora fazem parte da vida da menina.

O único que parece disposto a ajudá-la é Ledger Ward, dono de um bar local e um dos poucos que poderão servir de elo de ligação entre Kenna e a filha. No entanto, a proximidade entre eles não poderá ser revelada a ninguém, sob pena de perderem a confiança daqueles que lhes são mais queridos.

Mas à medida que Kenna e Ledger formam uma ligação que parece inabalável, também os riscos que correm se tornam cada vez maiores. E se Kenna quiser construir um futuro de esperança e redenção, terá de encontrar uma forma de se absolver dos erros do passado.



«Colleen Hoover mergulha profundamente no sofrimento e na culpa para criar uma história de redenção em que os personagens demonstram tanta garra para a luta como para o amor.»

Publishers Weekly

AGORA NUMA IMPERDÍVEL ADAPTAÇÃO CINEMATOGRÁFICA



© 2025 UNIVERSAL STUDIOS

A COMCAST COMPANY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-761-2



9 789895 897612